

TRAÇOS IDENTITÁRIOS DO FALAR DO SUL DE GOIÁS: REALIZAÇÕES DO /O/

Isadora Massad Giani PINHEIRO¹

RESUMO

Este artigo apresenta a análise de casos de alofonias do fonema /o/ na posição pré-tônica presentes na língua portuguesa falada no sul de Goiás. Os dados analisados são frutos de coletas desenvolvidas pelo território goiano para dar origem ao ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás. Porém a pesquisa em questão traz o enfoque nos municípios situados no sul desse estado. Este trabalho, uma adaptação de parte da dissertação defendida e publicada pela autora, possui como objetivo uma nova contribuição para os estudos elaborados nessa região, apresentando uma exposição a respeito das vogais da língua portuguesa e também uma análise do fenômeno no português goiano, trazendo novas informações sobre as possibilidades pouco exploradas na língua portuguesa do Brasil. Como aporte metodológico foram utilizadas a Linguística Descritiva, com autores brasileiros e estrangeiros – com Camara Jr., Lopes, Maddieson e Ladefoged, e também a Linguística Histórica, a fim de embasar hipóteses de alguns fenômenos encontrados.

PALAVRAS-CHAVE: fonética; fonologia; alofonia; vogais; Goiás.

1. Introdução

Este artigo apresenta parte da pesquisa elaborada no desenvolvimento da dissertação relacionada a alguns aspectos fonéticos e fonológicos do português falado na região sul de Goiás, pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, o qual apresenta casos de alofonia do fonema /o/ em posição pré-tônica na língua portuguesa falada no sul de Goiás.

Os dados analisados foram coletados a partir da metodologia utilizada pelo ALiB – Atlas Linguístico do Brasil, com um questionário semântico-lexical que

¹Mestre pela UFG, Programa de pós-graduação em Letras e Linguística. Atende pelo endereço: Rua Tamoio Quadra 118 Lote 6B Cond. Brasília Sul Vila Brasília. Aparecida de Goiânia – Goiás. CEP: 74993-160. E-mail: isadoramassad@hotmail.com

envolve o cotidiano dos informantes, com 240 perguntas divididas em: a natureza e o homem. Esses informantes foram selecionados de acordo com os critérios apontados por Brandão (1991): dar preferência aos nascidos na região, ou que vivem ali a desde a infância; aqueles que possuem boa denteição e boa fonação; escolher pessoas com pouca escolaridade.

Os dados analisados no artigo foram os transcritos e inseridos no livro *Alingo Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonético*. A seleção dos dados para o livro se deu a partir dos perfis diferenciados, da qualidade sonora das entrevistas e também da qualidade das respostas dadas, como citado anteriormente.

A região sul de Goiás foi a selecionada para o recorte territorial, *a priori*, pois se pretendia estabelecer relações entre o falar desse local com o falar do triângulo mineiro. Porém o projeto inicial sofreu modificações, já que não foi possível encontrar dados mineiros em larga escala. A mudança do projeto não impediu o trabalho com o sul de Goiás, entretanto com novos objetivos.



Mapa 1. Mapa do Estado de Goiás. (MILANI et. al., 2015).

Como não houve coleta em todas as cidades do sul de Goiás, procurou-se abranger as maiores cidades da região e suas adjacências, além da fronteira com o estado de Minas Gerais. As cidades pesquisadas foram: Orizona, Pires do Rio, Ipameri, Catalão, Três Ranchos, Corumbaíba, Buriti Alegre, Caldas Novas, Mineiros, Rio Verde, Jataí, Itumbiara, Cachoeira Dourada, Quirinópolis, São Simão, Edéia, Paraúna e Vianópolis.

Para buscar uma forma didática de apresentação do artigo, se iniciará a discussão com uma breve apresentação das vogais e, então, como uma contribuição para os estudos elaborados acerca do estado de Goiás, esse artigo analisará as possibilidades de alofones do /o/ encontradas no *falar* da região supracitada.

2. O reconhecimento das vogais

Os sons vocálicos são basicamente definidos como aqueles sons produzidos a partir da passagem de ar livre pela cavidade oral, ou seja, sem nenhum tipo de obstrução. Este conceito é encontrado em manuais de linguística, como em Silva (2013), dicionários direcionados a esta área, exemplo Trask (2011), assim como livros teóricos que abordam o assunto, Camara Jr. (2010). Porém, há muitos outros aspectos essenciais que caracterizam os sons dessa natureza.

Ladefoged e Maddieson (1996) afirmam que as vogais são fonemas que podem ser pronunciados sozinhos, além de alegarem que, em muitas línguas, as vogais podem constituir uma palavra. Os autores ainda acrescentam a ideia de que as vogais são sons silábicos, ou seja, são sons que ocupam o núcleo de uma sílaba².

Callou e Leite (2000) de maneira bastante didática estabelecem diferenças entre os sons vocálicos e os sons consonantais:

As vogais são sons produzidos com o estreitamento da cavidade oral devido à aproximação do corpo da língua e do palato sem que haja fricção de ar. A vogais se opõem às consoantes por 1) serem acusticamente sons periódicos complexos; 2) constituírem núcleo de sílaba e sobre elas poder incidir acento de tom e/ou intensidade (CALLOU & LEITE, 2000, p. 26).

2 A discussão sobre a possibilidade de as vogais serem silábicas passou por Câmara Jr. (2011), que nega a exclusividade das vogais serem o centro das sílabas. Para o linguista brasileiro é possível que uma consoante ocupe esse espaço. Como argumento é utilizada a palavra inglesa *bottle*, cuja transcrição oferecida foi /botl/, dessa forma com a consoante líquida /l/ ocupando o núcleo silábico.

Assim como as autoras supracitadas, Lopes (2007), também de forma didática, compila propriedades que são características dos sons vocálicos:

- a) as vogais apresentam o maior abrimento dos órgãos articulatórios: a boca fica normalmente aberta ou entreaberta ao se pronunciar uma vogal; b) as vogais apresentam o maior número de vibrações das cordas vocais por unidade de tempo (ou seja, tem a maior frequência); c) as vogais são os únicos fonemas em português a integrar o centro da sílaba (LOPES, 2007, p. 111).

Ao unir todas essas informações, é possível formar um conceito para os sons vocálicos de forma mais abrangente e menos superficial, levando à reflexão de que os sons vocálicos são facilmente produzidos, definidos e identificados.

Mesmo que as vogais sejam pronunciadas pela passagem livre do ar pela cavidade oral, são perceptíveis diversas naturezas qualitativas desses sons, e para que isso seja possível é importante notar que eles possuem classificações quanto à produção. As classificações mais encontradas, como meio de oposição, em sistemas vocálicos do mundo são: o grau de abertura da cavidade oral, a posição da língua na boca (quanto ao eixo horizontal) e por último a posição dos lábios (LADEFOGED & MADDIESON, 1996).

A primeira categoria a ser analisada diz respeito ao grau de abertura da cavidade oral, que influencia na altura que a língua se posiciona para produzir os sons vocálicos. Segundo Ladefoged e Maddieson (1996), se uma língua possui apenas duas diferenças fonológicas nas vogais, as diferenças ocorrerão preferencialmente nessa categoria (LADEFOGED & MADDIESON, 1996).

O quadro dos símbolos vocálicos proposto pelo IPA apresenta sete graus de abertura da cavidade oral, o que não significa que todas essas possibilidades estejam presentes concomitantemente em apenas uma língua. É possível que haja a comutação entre esses níveis em torno de duas a quatro oposições em cada língua (LADEFOGED & MADDIESON, 1995).

Ao observar a língua portuguesa, Silva (2013, p. 79) indica quatro possibilidades: vogais altas, que são aquelas que ao serem produzidas a língua se encontra próximo ao palato; vogais médias-altas, as quais para serem pronunciadas a língua se abaixa um pouco, em relação à classificação anterior; vogais médias-baixas são as do terceiro nível de abaixamento; por último, as vogais baixas, as quais são produzidas quando a língua está bastante distante do palato.

A classificação de Silva (2013) levou em conta o timbre³ das vogais. Quando a autora apresenta os níveis médias-altas e médias-baixas têm a relação com a frequência do timbre, sendo que o primeiro tipo traz um som mais grave, como nos casos do /e/ e do /o/, logo, com a frequência menor, e as últimas são mais agudas, como em /ε/ e em /ɔ/, com a frequência maior.

Camara Jr. (2010) também utiliza o timbre na classificação da altura das vogais, porém o autor utiliza uma terminologia divergente da supracitada. O autor denomina as vogais médias-fechadas de médias de 1º grau e as vogais médias-abertas de médias de 2º grau.

Já na classificação dada por Lopes (2007), o timbre não possui espaço nesse critério, uma vez que ele afirma que o timbre não pode ser observado no modelo articulatório, já que faz parte do modelo acústico, se referindo apenas à audibilidade da frequência dos sons, não servindo, então, para objetivos de descrição articulatória.

Para Lopes (2007), os níveis existentes para esse critério classificatório são: as vogais altas, as quais são produzidas com a língua se aproximando ao palato; vogais médias, são as vogais cuja posição da língua é no meio da cavidade oral; e as vogais baixas, aquelas vogais pronunciadas com a língua distante do palato.

De acordo com Câmara Jr. (2010) e Silva (2013) a vogal /a/ é classificada como vogal baixa, /ɔ/ e /ε/ são consideradas vogais médias-abertas, já /o/ e /e/ são chamadas de vogais médias-fechadas e, por fim, as vogais /u/ e /i/ são as vogais altas. A modificação que a classificação de Lopes (2007) sofre é que /ɔ/, /ε/, /o/ e /e/ são definidas todos como vogais médias, sem nenhuma outra especificação.

Outro critério capaz de classificar as vogais é o que considera a posição da língua na boca, quanto ao eixo horizontal. Essa categoria é mais simples que a anterior, visto que possui apenas três níveis de variação e na língua portuguesa do Brasil é possível encontrar todos esses níveis.

As categorias existentes nesse critério são: as vogais anteriores ou palatais, que quando produzidas a língua se projeta em direção aos dentes anteriores ou aos lábios; há também as vogais centrais, quando a língua está posicionada em um ponto neutro, no

3“Consiste o timbre em certos sons secundários ou acessórios que seguem o principal e aos quais se dá o nome de harmônicos. É esta qualidade que torna um som acusticamente distinto de qualquer outro da mesma altura, intensidade ou quantidade. Os instrumentos musicais têm cada um o seu timbre especial, o que nos permite distinguir, ainda que de longe, se o som é de uma flauta ou de um clarinete” (COUTINHO, 1972, p. 87).

centro da boca; por último, as vogais posteriores, que são pronunciadas quando a língua se encontra mais recolhida, no fundo da boca (SILVA, 2013).

Segundo Lopes (2007), no português, a localização da língua no eixo horizontal não corresponde a um aspecto distintivo da nossa língua, uma vez que não há vogais que se oponham simplesmente por uma ser anterior e outra posterior. Para que haja esse tipo de oposição é necessário que haja outro aspecto envolvido na vogal, como o arredondamento dos lábios, por exemplo. A classificação dessa categoria em português considera que as vogais /i/, /e/ e /ɛ/ sejam vogais anteriores, o fonema /a/ central e /u/, /o/ e /ɔ/ posteriores.

Mais um aspecto existente para a descrição dos sons vocálicos é o do arredondamento dos lábios, ou posição dos lábios. Neste critério há duas classificações: vogais arredondadas ou vogais não-arredondadas. As primeiras vogais são as que, ao serem produzidas, os lábios ficam arredondados; as outras são as vogais as quais são pronunciadas com os lábios distendidos.

Na língua portuguesa é possível perceber que essa classificação está relacionada ao eixo horizontal da língua na boca. As vogais anteriores são não arredondadas e as vogais posteriores são produzidas com arredondamento dos lábios. As vogais /i/, /e/, /ɛ/ e /a/ são vogais não-posteriores, logo, não-arredondadas, sendo as três primeiras, como já foi explicitado, anteriores e a última central. Já os fonemas /u/, /o/ e /ɔ/ são vogais posteriores e arredondadas.

Tem-se em português outra classificação, bastante produtiva para as vogais, que é quanto à sua nasalização. Porém é um tema de grande polêmica entre os linguistas do Brasil, visto que há pontos de vista divergentes a respeito desse assunto. Edward Lopes (2007) é a favor da existência das vogais nasais, que também possuem produção de forma semelhante às orais, exceto pela ressonância do som pelas vias nasais: “Vogais são fonemas sonoros resultantes da livre passagem da corrente de ar para a boca ou para a boca e as fossas nasais, órgãos estes que atuam como simples caixas de ressonância” (LOPES, 2007, p. 111).

O autor alega que a língua portuguesa possui verdadeiras vogais nasais, ou seja, as vogais que se produzem pelo abaixamento do véu palatino e que faz com que o ar se desloque até as fossas nasais e que lá haja ressonância. Ele ainda caracteriza as nossas *vogais nasais* em vogais centrípetas, ou seja, aquelas que possuem o timbre fechado. Para ele essas vogais podem ser representadas como /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/ e /ũ/.

Camara Jr. (2011) faz uma discussão acerca das vogais que ao serem produzidas causam ressonância nas fossas nasais. Para este linguista brasileiro, é necessário que haja a diferenciação das vogais que apenas sofrem influência de uma consoante nasal presente na próxima sílaba, daquelas as quais possuem uma nasalidade distintiva. O autor dividiu esses tipos de nasalidade em fonética, aquela que é meramente sonora, sem distinção significativa⁴, e nasalidade fonológica, que já envolve mudanças de significado.

Para a transcrição fonética das vogais chamada “nasais”⁵ que podem acarretar distinção, Camara Jr. (2011) sugere a utilização do arquifonema nasal, representado pelo símbolo /N/. O autor alega que: “Trata-se [...] de um arquifonema /N/, que se realiza como /m/ diante de consoante labial na sílaba seguinte, como /n/ diante de consoante anterior nas mesma condições e como um alofone [ɲ] posterior diante de vogal posterior: *campo, lenda, sangue*” (CAMARA Jr., 2011, p. 58).

Câmara Jr. ainda afirma que: “[...] é preferível partir do arquifonema nasal /N/ como fato estrutural básico, que acarreta, como traço acompanhante, a ressonância nasal da vogal.” A representação da nasalização das vogais para ele seria, então, transcrita como: /aN/, /eN/, /iN/, /oN/ e /uN/, trazendo a presença da nasalidade através da representação do arquifonema juntamente com a vogal (2011, p. 59).

Silva (2013) trata o aspecto nasal nas vogais diferenciando-as em: vogais que sofrem o processo de nasalização e as vogais que sofrem o processo de nasalidade. Nas primeiras a não articulação da vogal nasal causa distinção de significado, como é possível observar em ‘lá’ [la] e ‘lã’ [lã], a ausência do elemento nasal causa mudança na palavra produzido.

As vogais que passam pelo processo de nasalidade são aquelas que não causam distinção de significado, ou seja, a variação linguística é que determina a presença ou a ausência de nasalidade. Um caso clássico para se observar no português brasileiro é da palavra ‘banana’, como há duas consoantes nasais na palavra é possível perceber assimilação em via de regra na segunda sílaba, mas há também a possibilidade de a primeira sílaba sofrer influência da consoante nasal da sílaba seguinte: [bã'nãɲə]. Essa

4Quando fala-se aqui que essa nasalidade não possui distinção significativa, está se levando em conta questões descritivas, formais, sem entrar no âmbito sociolinguístico, onde haveria sim uma distinção significativa.

5As aspas utilizadas têm a intenção de ser fiel à opinião de Câmara Jr., que as utiliza em *Estrutura da língua portuguesa*, deixando claro seu ponto de vista.

nasalidade ocorre quando há a assimilação de uma consoante nasal da sílaba seguinte na vogal da sílaba anterior.

Resumidamente, é possível encontrar as classificações de cada vogal do português brasileiro na tabela seguinte:

Vogais orais				
	Anteriores	Central	Posteriores	
Alta	/i/		/u/	Alta
Média/alta	/e/		/o/	Média/alta
Média/baixa	/ɛ/		/ɔ/	Média/baixa
Baixa		/a/		Baixa
Vogais Nasais				
	Anteriores	Central	Posteriores	
Alta	/ĩ/		/ũ/	Alta
Média/alta	/ẽ/		/õ/	Média/alta
Média/baixa				Média/baixa
Baixa		/ã/		Baixa

(adaptado de Edward Lopes, 1995, p. 116 citado por MILANI et. al, 2015)

3. Alofones do /o/ em posição pré-tônica no falar do sul de Goiás

A análise aqui apresentada utilizou como *corpus* respostas resultantes das entrevistas feitas para a elaboração do ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás (2015). As entrevistas, que eram da modalidade fechada⁶, tinha como base o questionário com perguntas fundamentadas pelo ALiB – Atlas Linguístico do Brasil, além de outras questões inseridas que abordam a realidade rural bastante presente no interior do estado de Goiás.

As palavras selecionadas para serem analisadas estão entre as transcritas e presentes no ALINGO (2015). A eleição das entrevistas para o livro se deu a partir da qualidade das entrevistas, ou seja, aquelas que os entrevistados responderam grande parte das perguntas; e também pela qualidade das gravações.

Com a finalidade de trazer maior validade para a análise, utilizou-se respostas que se repetiram diversas vezes, possibilitando, assim, a observação de diversas

⁶As entrevistas feitas com questionário fechado são aquelas que as perguntas visam a respostas objetivas. Neste caso, foi utilizado para que os entrevistados respondessem as questões com as palavras que, na opinião dele, mais se encaixasse no conceito presente na pergunta, pois assim haveria a possibilidade de eles realizarem aquela palavra selecionada do seu vocabulário de acordo com sua variedade linguística.

realizações possíveis. As palavras aqui apresentadas são respostas das seguintes perguntas: “Como chama aquele barulho que faz quando chove?”, “Como chama aquela água que se encontra nas plantas de manhã?”, “Como chama o osso pontudo que fica entre o pé e a perna?”, “Como chama aquele ar preso que passa com um susto?” e “Como chama a parte embaixo do braço?”.

Com o objetivo de encontrar possibilidades fonológicas para um fonema em questão, um pesquisador tende a induzir que os pares suspeitos⁷ podem ser as únicas variações que uma produção pode sofrer, ou as principais. Porém, a seguir serão apresentados resultados que não seguem essa regra, o que amplia a quantidade de alternativas executáveis (em determinados contextos).

Um conhecimento básico de fonologia permite deduzir que durante a análise desse objeto proposto apareça a neutralização, pois ela ocorre quando sons foneticamente semelhantes deixam de ter oposição fonológica entre si, apenas em certos contextos, mantendo a oposição fonológica nos demais contextos (CAGLIARI, 2002).

Como exemplificação da neutralização em língua portuguesa tem-se o [s] e o [z], que são sons foneticamente semelhantes, diferenciando-se apenas quanto à sonoridade na produção de cada um, sendo o primeiro som surdo e o segundo sonoro. Quando os fones em questão são colocados em início de sílabas é evidente a diferença entre eles, como em [selu] e [zelu], representando, então, dois fonemas diferentes /s/ e /z/.

Já quando em final de sílabas em meio de palavras, diante de consoantes, é observável que o [s] ocorrerá, principalmente, antes de consoantes surdas, como no caso das palavras [desti] e o [z] poderá aparecer antecedendo as consoantes sonoras, assim como na palavra [dezdi] (CAGLIARI, 2002).

É possível prever a existência da neutralização, pois no Brasil dois pares suspeitos vocálicos bastante produtivos são [e] - [ɛ] e [o] - [ɔ], que se distinguem apenas em relação ao timbre. Antes de se analisar profundamente o fenômeno, fala-se que em posição pré-tônica os dois fonemas que possuem timbres abertos são mais produtivos nas regiões norte e nordeste do Brasil.

Porém, na região do sul de Goiás foi possível encontrar a neutralização dos timbres aberto e fechado do /o/. Em posição imediatamente pré-tônica ocorreu apenas na palavra “orvalho”, porém com duas realizações diferentes:

⁷Um par suspeito é um par de sons que possuem uma ou mais propriedades fonéticas semelhantes. Tem-se como exemplo: [e] e [i], o que as diferencia é apenas o grau de abertura da boca, sendo [e] uma vogal oral, anterior, média-alta (ou média-fechada), não-arredondada e [i] uma vogal oral, anterior, alta, não arredondada.

Realização de “orvalho” como:

- [ɔh'vaɫɔ]
- [ɔɾ'vaɫɔ].

Embora haja apenas duas ocorrências deste tipo de neutralização [o] ~ [ɔ] na posição pré-tônica desta palavra, é importante observar que essa baixa frequência apresenta sua importância, já que com essa informação é possível concluir que, mesmo existindo essa possibilidade, nesta região estudada ela raramente ocorre.

Um outro fenômeno bastante comum existente na língua portuguesa é a alofonia do par [o] e [ɔ]. É importante ressaltar que o ambiente onde essa alofonia é mais produtiva é em final de palavras, quando a sílaba final for átona, ou em posições pós-tônicas, como pode-se observar na realização da palavra ‘mato’ ['matɔ].

Segundo Camara Jr., esse fenômeno é chamado de “debordamento fonêmico”. Ele explica que este processo ocorre quando “há [...] uma invasão de uma fonema sobre a área de outro”. Neste caso, a “invasão” seria quanto à altura da vogal, uma vez que o fone [o] é média-alta e o [ɔ] alta (CAMARA Jr., 1977, p.60).

Embora o debordamento fonêmico do [o] para o [ɔ] ocorra principalmente nas sílabas átonas finais, foi possível encontrar realizações acontecendo em sílabas em posição pré-tônica, como é possível ver a seguir:

Realizações de “tornozelo” como:

- [toɾnɔ'zelɔ]
- [toɾnɔ'zelɔ]

Realização de “trovoada” :

- [trovɔ'adɐ]

A variante mais alta também apareceu como uma possível ocorrência para o “o” ortográfico, o fone [u]. Essa possibilidade, assim como a anterior, aconteceu em duas palavras e uma delas com duas realizações diferentes:

Realizações de “sovaco” :

- [su'bakɔ]
- [su'vakɔ]

Realização de “trovão”:

- [tru'vãũ]

A possibilidade do alofone [a] também foi encontrada entre os dados. Essa é a possibilidade que mais chama atenção, uma vez que não é um par suspeito de nenhuma das variantes anteriores, já que sua produção não é semelhante aos outros fones. Para este fone foram obtidas duas respostas diferentes e apenas uma realização para cada uma delas:

Realização de “solução”:

- [sa'luso]

Realização de “orvalho”:

- [aru'valiʊ]

Sem dúvida, essa é a variante menos provável, uma vez que não corresponde a par suspeito de nenhuma das possibilidades encontradas anteriormente, já que sua articulação difere bastante das demais.

Mesmo correspondendo à variante com menor probabilidade, por questões articulatórias, na região do sul de Goiás ela foi mais produtiva do que um dos pares suspeitos, o fonema [ɔ], que apareceu em duas produções de uma mesma resposta, porém apenas uma vez em cada uma delas, uma das possibilidades que a priori poderia se esperar maior frequência.

A realização do alofone [a] nessas condições deve ser observada com bastante atenção, pois além de ele possui articulação diferente dos demais sons, ele ocorreu com uma certa frequência, comprovando sua sistematização na língua. Entretanto, as análises feitas tiveram como resultado apenas hipóteses.

A primeira hipótese a ser considerada como explicação de tal fenômeno é a da dissimilação. Esse processo fonológico consiste na “[...] diversificação ou queda de um fonema por já existir fonema igual ou semelhante na palavra” (COUTINHO, 1972, p.144).

A dissimilação estaria presente na realização da palavra “solução” [sa'luso], pois as duas sílabas finais da palavra são formadas por sons posteriores e altos. Dessa forma, para que o processo da dissimilação ocorresse seria necessário diferenciar a articulação, e o alofone [a] é capaz de executar essa função, pois se trata de uma vogal baixa e central, ou seja, com duas características diferentes dos outros sons vocálicos.

Já para a palavra “orvalho” [aru'valiʊ], a hipótese é a de assimilação, que seria o processo contrário da dissimilação, isto é, ao invés de buscar a diferenciação dos fonemas, aqui procura “[...] a aproximação ou a perfeita identidade de dois fonemas, resultante da influência que exerce um sobre o outro” (COUTINHO, 1972, p. 143).

Neste caso, a realização do alofone [a] teria sofrido a influência da segunda sílaba. Por isso, a articulação se igualou, formando essa nova variante para a palavra orvalho.

Processos semelhantes já ocorreram na história da língua portuguesa, inclusive chegaram ao ponto de modificar a palavra. Coutinho (1972) apresenta alguns exemplos de ambos os processos.

Como exemplo de assimilação, com os mesmos sons do *corpus* [o] > [a], Coutinho (1972) mostra *novac(u)la* > *navalha* (COUTINHO, 1972, p.144).

Para exemplificar o caso da dissimilação, há as palavras *rubore* > *arrebol*, que também sofre modificações semelhantes às sofridas pela palavra “orvalho” (COUTINHO, 1972, p. 103).

Também foi possível encontrar a realização [o], que diante da grande quantidade de produções, permitiu afirmar que se trata do fonema /o/, do qual todos os demais são alofones:

Realizações de “sovaco”:

- [so'vakɔ]
- [so'bakɔ]

Realização de “tornozelo”:

- [toʁno'zelɔ]

Realizações de “orvalho”:

- [oʁ'valiɔ]
- [oro'vaj]
- [oʁ'vaλɔ]

Realização de “solução”:

- [so'luso]

Realização de “trovão”:

- [tro'vãũ]

Ao observar o levantamento dos dados, é notável que esta última possibilidade é a mais produtiva e, por isso, é possível afirmar que o fonema do “o” ortográfico na

posição pré-tônica no sul de Goiás seria o /o/. O que permite essa alegação é a sua presença em todas as respostas analisadas, além da alta frequência em cada uma das respostas, se observadas isoladamente.

Assim, conclui-se, que em posição pré-tônica o “o” ortográfico no sul de Goiás tem como fonema o /o/ e como possibilidades fonéticas, ou alofones, os sons [ɔ], [ʊ], [u], [a] e [o].

Conclusão

A partir dessa pesquisa, foi possível observar e apresentar através de dados empíricos, que a alofonia pode ocorrer de forma muito mais vasta do que se encontra em manuais. Não que estes estejam errados, porém não é possível, ou é pouco viável, que abranjam todas as possibilidades possíveis de uma língua tão variada como o português.

As análises feitas do *corpus* em questão apresentou alofones pouco debatidos e que ocorrem na nossa própria língua, como foram os casos encontrados para o fonema /o/. Normalmente, se alegaria que este fonema permite dois alofones o [ɔ] e o [ʊ] ou [u]. O primeiro seria uma neutralização em posição pré-tônica, muito recorrente no nordeste e norte do país e o segundo, principalmente, ocorreria em ambiente pós-tônico.

Porém, a partir do exame dos dados, foi possível encontrar mais uma possibilidade, o alofone [a], com menor produtividade, porém de grande importância, uma vez que assim aumenta o escopo de alofones possíveis para o fonema /o/, em determinados contextos, não ocorrendo como variação livre.

Além do mais, foi possível, também observar que o próprio alofone [ɔ] que é comumente caracterizado como próprio do norte e nordeste do Brasil, ocorreu nesta áreas estudada. Obviamente que nas regiões citadas ele acontece com maior frequência, porém é importante perceber que isso não exclui uma possibilidade, mesmo que mínima, de ocorrência em outras áreas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Amaral, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4 ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1981.

Brandão, S. F. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

Bentes, A; Mussalin, F. C. *Introdução à linguística. Domínios e fronteiras*. 3 vols. São Paulo: Cortez, 2004.

Bessa, José Rogério Fontenele (Coord.). *Atlas linguístico do estado do Ceará*. Fortaleza: UFC, 2010, 2 vol.

Cagliari, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

Callou, D.; Leite, Y. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 3ª ed.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000

Camara Jr., J.M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. *Problemas de linguística descritiva*. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 44ª ed. Petrópolis, 2011.

Cardoso, S. A. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. “Sergipe – um estado com dois atlas”. In: AGUILERA, V. de A. (org.) *A geolinguística no Brasil – trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Uduel, 2005, p. 103-135.

Coseriu, E. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

Coutinho, I. de L. *Pontos de Gramática Histórica*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1972.

Ferreira, C.; Cardoso, S. A. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

Ladefoged, P. *Vowels and consonants: an introduction to the sounds of the language*. 2. ed. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 2001.

Ladefoged, P.; Maddieson, I. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 1996.

Lopes, E. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 2007.

Mateus, M. H.; Andrade, E. d'. *The phonology of portuguese*. New York: Oxford, 2002.

Milani, S E., [et al]. *Atlas linguístico de Goiás: léxico-fonético*. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.

Nascentes, A. *O linguajar carioca*. 2.ª ed. completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

_____. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958.

Pinheiro, I. M. G.; Milani, S. E. *Possibilidades fonéticas do “o” ortográfico em Goiás*. Web-Revista SOCIODIALETO: Bach., Linc., Mestrado Letras UEMS/Campo Grande, v. 4, nº 12, mai. 2014, p. 436 – 451.

Saussure, F. de. *Curso de linguística geral*. 34ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

Silva, T. C.. *Dicionário de fonética e fonologia*. Colaboradoras Daniela OliveiraGuimarães, Maria Mendes Cantoni. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2013

Silva Neto, S. da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2.ª ed. melhorada e ampliada. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

Trask, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

Vidos, BenedekElemér. *Manual de linguística românica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

Vieira, R. P. F. *Historiografia-Linguística dos métodos de estudos sobre aférese no Brasil*. (Doutorado em Linguística) Universidade Federal de Goiás, 2012.

Whaley, L. J. *Introduction of typology: the unity and diversity of language*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 1997.

Whitney, W. D. *A vida da linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes

